

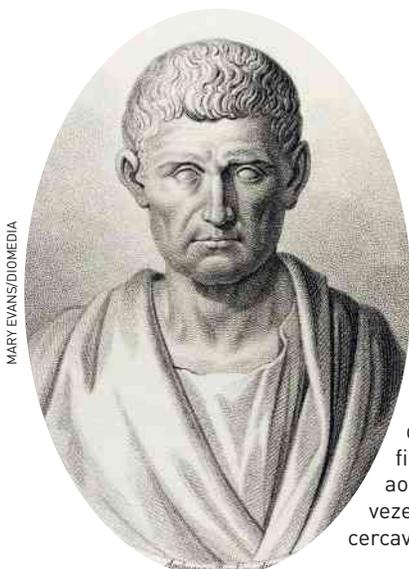
2. Qualidades de um governante

Reúna-se com colegas para refletir sobre o projeto político de Platão. Você considera importante que um governante tenha conhecimentos tão profundos como um filósofo? Em sua opinião, que qualidades deve ter um governante para que possa cumprir sua função da melhor maneira e promover o bem comum?

ARISTÓTELES

Bases do pensamento lógico e científico

Nascido em Estagira, na Macedônia, Aristóteles (384-322 a.C.) foi, ao lado de Platão, um dos mais expressivos filósofos gregos da Antiguidade. Há informações de que teria escrito mais de uma centena de obras sobre os mais variados temas, das quais restam apenas 47, embora nem todas de autenticidade comprovada. Desempenhou extraordinário papel na organização do saber grego, acrescentando-lhe uma contribuição que impactou a história do pensamento ocidental.



Aristóteles foi um homem de estudo e pesquisa. Seus discípulos do Liceu ficaram conhecidos como **peripatéticos** (os que passeiam) devido ao hábito do filósofo de ensinar ao ar livre, muitas vezes sob as árvores que cercavam a escola.

Filho de Nicômaco, médico do rei da Macedônia, provavelmente herdou do pai o interesse pelas ciências naturais, que se revelaria posteriormente em sua obra. Aos 18 anos foi para Atenas e ingressou na Academia de Platão, onde permaneceu cerca de vinte anos, com uma atuação crescentemente expressiva. Com a morte de Platão, em 347 a.C., a destacada competência de Aristóteles o qualificava para assumir a direção da Academia. Entretanto, seu nome foi preterido por ser considerado estrangeiro pelos atenienses.

Decepcionado com o episódio, deixou a Academia e partiu para a Ásia Menor. Pouco tempo depois foi convidado por Felipe II, rei da Macedônia, para

ser professor de seu filho Alexandre. O relacionamento entre Aristóteles e Alexandre foi interrompido quando este assumiu a direção do império macedônico, em 340 a.C.

Por volta de 335 a.C., Aristóteles regressou a Atenas, fundando sua própria escola filosófica, que passou a ser conhecida como **Liceu**, em homenagem ao deus Apolo Lício. Nesse local permaneceu ensinando durante aproximadamente 12 anos.

Em 323 a.C., após a morte de Alexandre, os sentimentos antimacedônicos ganharam grande intensidade em Atenas. Devido a sua notória ligação com a corte macedônica, Aristóteles passou a ser perseguido. Foi então que decidiu abandonar Atenas, dizendo querer evitar que os atenienses “pecassem duas vezes contra a filosofia” (a primeira vez teria sido com Sócrates).

Apaixonado pela biologia, dedicou inúmeros estudos à observação da natureza e à classificação dos seres vivos. Tendo em vista a elaboração de uma visão científica da realidade, desenvolveu a **lógica** para servir de ferramenta do raciocínio (como vimos no capítulo 5).

Da sensação ao conceito

Segundo Aristóteles, a finalidade básica das ciências seria desvendar a constituição essencial dos seres, procurando defini-la em termos reais.

Ao abordar a realidade, o filósofo reconhecia a multiplicidade dos seres percebidos pelos sentidos como elementos do real. Assim, tudo o que vemos, pegamos, ouvimos e sentimos tinha realidade para Aristóteles.

Por isso ele rejeitava a teoria das ideias de Platão, segundo a qual os dados transmitidos pelos sentidos não passam de distorções, sombras ou ilusões da verdadeira realidade existente no mundo das ideias. Para Aristóteles, a observação da realidade por nossos sentidos leva-nos à constatação da existência real de inúmeros seres individuais, concretos, mutáveis.

Método indutivo

Assim, para Aristóteles, a ciência deveria partir da realidade sensorial – **empírica** – para buscar nela as estruturas essenciais de cada ser. Em outras palavras, a partir da **existência** do ser individual, devemos atingir sua **essência**, seguindo um processo de conhecimento que caminharia do individual e específico para o universal e genérico.

O filósofo entendia, portanto, que o ser individual, concreto, único constitui o objeto da ciência, mas não é o seu propósito. A finalidade da ciência deve ser a compreensão do **universal**, visando estabelecer definições essenciais que possam ser utilizadas de modo generalizado.

Desse modo, a **indução** (operação mental que vai do particular ao geral) representa, para Aristóteles, o processo intelectual básico de aquisição de conhecimento. É por meio do método indutivo que o ser humano pode atingir conclusões científicas, conceituais, de âmbito universal.

O conceito **escola**, por exemplo, é o resultado da observação sistemática das diferentes instituições às quais se atribui o nome escola. Somente dessa maneira o conceito escola pode ter sentido universal, já que reúne em si os componentes essenciais aplicáveis ao conjunto das múltiplas escolas concretas existentes no mundo.

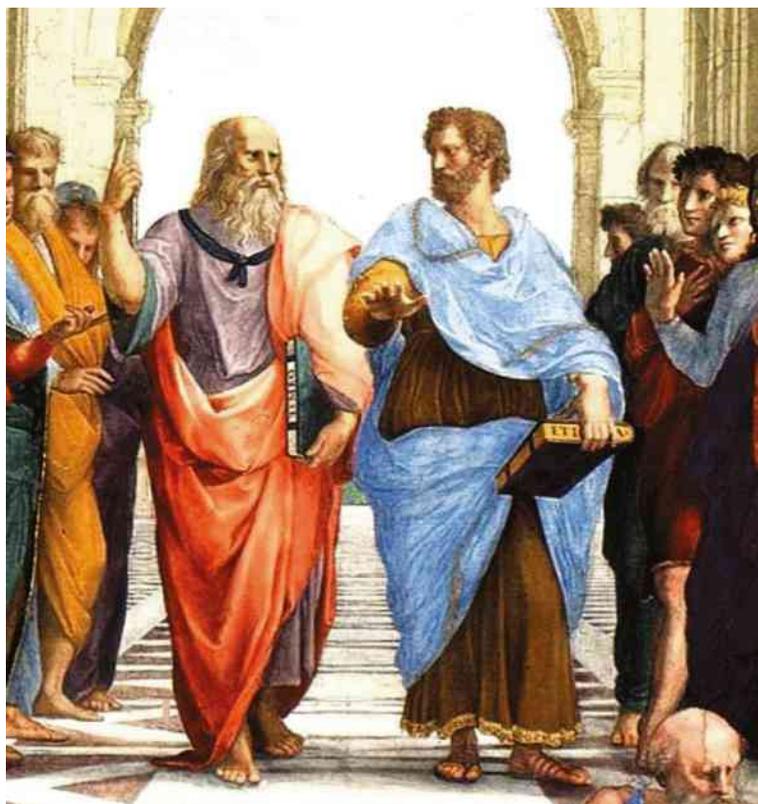
■ Hilemorfismo teleológico

Mais interessado na vida natural que seu mestre, Aristóteles formulou uma teoria da realidade que ficou conhecida como **hilemorfismo teleológico**. Para explicá-la, é preciso relacionar conceitos de sua física com os de sua metafísica.

Se observarmos a natureza como fazia esse pensador, veremos que ela tem ciclos constantes e regulares. As plantas e os animais nascem, crescem e morrem. Cada organismo constitui um todo orgânico, ordenado e coeso. Apesar da diversidade e multiplicidade de entes, parece haver uma ordem interna e externa a cada um deles que conduz à sucessão dos acontecimentos.

Portanto, ficava difícil para Aristóteles conceber que o inteligível estivesse totalmente separado da realidade concreta, perceptível aos nossos sentidos, pertencendo a outro mundo, como dizia Platão. Por que não pensar que o inteligível está aqui mesmo, neste mundo, e que opera dentro das próprias coisas?

MUSEUS E GALERIAS DO VATICANO



Detalhe de *Escola de Atenas* (1510-1512) – Rafael. Nesta obra, Platão é representado apontando para o alto, talvez querendo indicar o mundo das ideias. Por sua vez, Aristóteles está com a mão a meia altura e espalmada para baixo, parecendo mostrar sua preferência pela moderação no plano ético e pelo estudo da natureza.

Matéria e forma

Foi o que supôs Aristóteles. Ele era um grande observador da natureza – considerado por muitos o primeiro biólogo que existiu – e achava que o sensível e o inteligível deviam estar unidos, metidos um no outro. Somente a análise ontológica permitiria identificá-los e separá-los, mas essa separação seria apenas conceitual, pois, na realidade mesma, o sensível e o inteligível andariam sempre juntos. Para o filósofo, “as coisas são o que são em sua própria natureza”, ou seja, o ser verdadeiro deve ser **imane**nte.

Seguindo essa linha de raciocínio, Aristóteles concebeu a noção de que todas as coisas estariam constituídas de dois princípios inseparáveis:

- **matéria** (*hylé*, em grego) – o princípio indeterminado dos seres, mas que é determinável pela forma;
- **forma** (*morphé*, em grego) – o princípio determinado em si próprio, mas que é determinante em relação à matéria.

Assim, tudo o que existe é composto de matéria e forma, daí o nome **hilemorfismo** para designar

essa doutrina. Note, porém, que é a forma que faz as coisas serem o que são, enquanto a matéria constitui apenas o substrato que permanece. Nos processos de mudança, é a forma que muda; a matéria mantém-se sempre a mesma. Por exemplo: se um anel de ouro é derretido para converter-se em uma corrente de ouro, muda-se a forma (de anel para corrente), mas mantém-se a matéria (ouro).

Como você pode perceber, apesar de revalorizar o sensível, Aristóteles não desprezava totalmente a concepção de ideias eternas de seu mestre, mas a trazia de volta a este mundo, batizava-a com outro nome (forma) e a complementava com o que supôs faltar para que ela pudesse explicar todas as classes de seres e as mudanças do real.

Potência e ato

Aristóteles também retomou o problema da permanência e da mudança (a clássica polêmica entre Heráclito e Parmênides) e realizou uma reviravolta: sem questionar o estatuto da mudança em si, procurou analisar a **realidade que muda** (o ser imbricado no não ser), entendendo que o movimento existe e que não se encontra fora das coisas.

Desse modo, observou que uma semente não é uma planta, assim como um livro não é uma planta. Mas a semente pode tornar-se uma árvore, enquanto o livro não pode. Isso quer dizer que, em todo ser, devemos distinguir:

- **o ato** – a manifestação atual do ser, aquilo que ele já é (por exemplo: a semente é, em ato, uma semente);
- **a potência** – as possibilidades do ser (capacidade de ser), aquilo que ainda não é mas que pode vir a ser (por exemplo: a semente é, em potência, a árvore).

Conforme essa concepção, todas as coisas naturais são ato e potência, isto é, são algo e podem vir a ser algo distinto. Uma semente pode tornar-se uma árvore se encontrar as condições para isso, do mesmo modo que uma árvore que está sem flores pode se tornar, com o tempo, uma árvore florida, manifestando em ato aquilo que já continha intrinsecamente como potência. Enfim, potência e ato explicam a mudança no mundo, o movimento e a transitoriedade das coisas.

Relacionando essas dualidades de princípios nos seres (matéria e forma; potência e ato), podemos observar um paralelismo entre matéria e potência e entre forma e ato: a matéria indeterminada é o ser em potência; a forma é o ser em ato.

Substância e acidente

Por outro lado, em virtude de certas condições climáticas, uma árvore frutífera pode não vir a dar frutos (o que contraria sua potência de dar frutos), ou então as folhas da árvore podem se apresentar queimadas ou ressecadas, em consequência de um clima seco.

Aristóteles classifica esses casos, ou qualidades do ser, como **acidentes**, ou seja, algo que ocorre no ser, mas que não faz parte de seu ser essencial. Isso significa que, para o filósofo, devemos distinguir em todos os seres existentes o que neles é:

- **substancial** – atributo estrutural e essencial do ser; aquilo que mais intimamente o ser é e sem o qual ele não é. Assim, todo ser tem sua substância, de modo que devem existir tantas substâncias quantos seres existam (pluralismo ontológico);
- **acidental** – atributo circunstancial e não essencial do ser; aquilo que ocorre no ser, mas que não é necessário para definir a natureza própria desse ser.

CONEXÕES

3. Exercite a distinção aristotélica entre substância e acidente em vários elementos de sua vida cotidiana. Comece pelos seguintes conceitos: democracia, cidadão; professor, aluno. O que seria substancial e accidental em cada um deles, tendo como referência a situação brasileira? Depois tente fazer o mesmo com outras coisas, seres ou conceitos de sua escolha.

Quatro causas dos seres

Observe agora que, quando falamos de uma semente que se transforma em árvore e em um anel que se converte em corrente, estamos nos referindo a duas classes distintas de seres. No primeiro caso, temos um **ser natural**, no qual a mudança (ou movimento) ocorre por um princípio interno, **intrínseco**, conforme explicou Aristóteles. No segundo caso, por sua vez, temos um **ser artificial**, cuja transformação (ou movimento) se dá por um princípio externo, **extrínseco**.

Em outras palavras, os seres naturais modificam-se, basicamente, de acordo com sua própria natureza, enquanto os seres artificiais dependem em boa medida de elementos externos para que isso ocorra.

Há, portanto, princípios intrínsecos e extrínsecos que levam os seres ao movimento, à passagem da potência ao ato. Esses princípios são o que o filósofo denominou **causas**.

Aristóteles distinguiu quatro tipos de causas fundamentais:

- **causa material** – refere-se à matéria de que é feita uma coisa. Exemplo: o mármore utilizado na confecção de uma estátua;
- **causa formal** – refere-se à forma, à natureza específica, à configuração de uma coisa, tornando-a “um ser propriamente dito”. Exemplo: uma estátua (em forma) de homem e não de cavalo;
- **causa eficiente** – refere-se ao agente, àquele que produz diretamente a coisa, transformando a matéria tendo em vista uma forma. Exemplo: o escultor que fez a estátua (em forma) de homem;
- **causa final** – refere-se ao objetivo, à intenção, à finalidade ou à razão de ser de uma coisa. Exemplo: a intenção de exaltar a figura do soldado grego.



Estátua de Aquiles, o modelo ideal do soldado grego.

Nos seres artificiais (como a estátua de nosso exemplo), todas essas causas intervêm, sendo as duas últimas extrínsecas a esses seres.

Nos seres naturais, a causa eficiente não ocorre, pois eles podem surgir e ser o que são **por natureza**, isto é, fazem-se por si mesmos, não dependendo de uma causa externa. (Veja no texto complementar **As ideias e a realidade histórica**, no final deste capítulo, uma análise do aspecto ideológico da teoria aristotélica das quatro causas.)

Mundo finalista

E a causa final, será que ela se dá também nos seres naturais? Aristóteles entendia que sim. Para ele, as vidas animal e vegetal, em seus processos biológicos de crescimento e de reprodução, estariam expressando justamente a finalidade contida em sua própria natureza. Nesse sentido, a causa final sobrepõe-se à causa formal nos seres naturais, identificando-se mutuamente.

Para Aristóteles, a **causa final é a mais importante de todas**, pois é ela que articula todas as outras causas. Isso fica claro no exemplo da estátua do soldado ateniense, cuja finalidade (causa final) era a de exaltar o soldado grego. O escultor (causa eficiente) necessita ter um objetivo para trabalhar, pois “todo agente obra por um fim”. Com esse objetivo em mente, o escultor escolherá a pedra mais adequada (causa material) e uma figura heroica de soldado (causa formal) para entalhar.

Primeiro motor

Aristóteles também refletiu sobre a questão da **origem do mundo**. Para ele, o mundo é **eterno**, isto é, nunca teve um princípio e nunca terá um fim, tendo em vista que as próprias noções de princípio e de fim contrariam sua concepção de **movimento**.

Vejamos por que ele pensava assim. Se o movimento é a passagem da potência ao ato – em que varia a forma, mas se mantém a matéria (como vimos anteriormente) –, isso implica que há sempre um algo antes (do qual se parte) e um algo depois (ao qual se chega), como o anel que se converteu em correntinha ou a semente em árvore. Portanto, é impossível conceber o “começar” do mundo sem entrar em contradição, pois faltaria o ponto de partida do movimento (o algo antes que possibilita o movimento). E é igualmente inconcebível o “terminar” do mundo, pois nesse caso faltaria o ponto de chegada do movimento. Desse modo, Aristóteles concluiu que o mundo é um **movimento eterno**, sem começo nem fim.

O problema dessa conclusão é que ela não explica totalmente o problema do movimento do mundo, pois tudo que se move deve ter sido colocado em movimento por algo (um agente motor), que, por sua vez, foi colocado em movimento por algo mais, e assim por diante. E como essa sequência não pode continuar infinitamente, pois deve se deter em algum ponto ou em algo, que seria a causa primeira do movimento. Assim, ponderou Aristóteles, “tem de haver algo que seja eterno, substância e ato, e que mova sem mover-se” (*Metafísica*, XII, 7, 1072a). É então que o filósofo formula a doutrina do **primeiro motor** ou **motor imóvel**, a causa primeira de todo movimento.

Observe que o primeiro motor só poderia ser **imóvel**, porque, do contrário, precisaria de algum outro motor que causasse seu mover. Portanto, para ser o primeiro, deve ser necessariamente imóvel, apesar de causador de todo movimento existente no mundo.

Agora você pode estar se perguntando: “Como pode algo imóvel gerar movimento?”. Aristóteles respondeu que é por **atração**, pois todas as coisas tendem àquilo que é bom, belo ou inteligente, e o primeiro motor – entendido como ato puro e perfeição – é tudo isso, ou seja, o primeiro motor funciona como **causa final** do mundo.

Vemos, assim, por que a concepção de mundo aristotélica é considerada **teleológica**, pois há

uma primazia da causa final. É, enfim, o para quê, a finalidade, o *télos*, aquilo que determina a passagem da potência ao ato, comandando o movimento do real.

Ética do meio-termo

Como vimos no primeiro capítulo desta obra, Aristóteles define o ser humano como **ser racional** e considera a atividade da razão, o ato de pensar, como a essência humana. Assim, para ser feliz, o ser humano deve viver de acordo com sua essência, isto é, de acordo com sua racionalidade, sua consciência reflexiva. Orientando seus atos, a razão o conduzirá à prática da **virtude**.

Para Aristóteles, a virtude consiste no **meio-termo** ou justa medida de equilíbrio entre o excesso e a falta de um atributo qualquer. Exemplos: a virtude da prudência é o meio-termo entre a precipitação e a negligência; a virtude da coragem é o meio-termo entre a covardia e a valentia insana; a perseverança é o meio-termo entre a fraqueza de vontade e a vontade obsessiva.

Por isso a ética aristotélica costuma ser referida como uma **ética do meio-termo**. (Saiba mais sobre as concepções éticas de Aristóteles revendo o capítulo 1 e consultando o capítulo 18. Para conhecer um pouco de seu pensamento político, veja o capítulo 19.)

ANÁLISE E ENTENDIMENTO

12. Explique a teoria hilemorfista de Aristóteles.
13. Como Aristóteles explica o movimento e a mudança das coisas?
14. Explique os quatro tipos de causas fundamentais que levariam à passagem de uma cadeira de balanço em potência para uma em ato.
15. Analise e defina as diferenças básicas entre a teoria do conhecimento de Platão e a de Aristóteles.
16. Aristóteles e Platão propunham o mesmo método para chegar ao conhecimento verdadeiro? Justifique sua resposta.
17. Explique o primeiro motor de Aristóteles e compare-o com o demiurgo de Platão.
18. Em que consiste a virtude para Aristóteles?

CONVERSA FILOSÓFICA

3. Mundo finalista

Debata com um grupo de colegas a concepção finalista de universo de Aristóteles. O finalismo costuma ser apoiado pelo mundo religioso, mas negado pela maior parte da comunidade científica. Você concebe que todos os seres do universo possam ter uma finalidade intrínseca? Pesquise sobre esse assunto e defina sua própria interpretação.